

**BIBLIOGRAFIA BRASILEIRA DE FILOSOFIA****PLANO****OBRAS GERAIS**

Bibliografias. Dicionários. Periódicos.  
Atas. Miscelâneas. Congressos. Simpósios.  
Tratados. Cursos. Manuais.  
Introduções. Ensino. Didática. Pesquisa.

**ESTUDOS HISTÓRICOS**

Histórias Gerais.  
Histórias Especiais.  
História da Filosofia Brasileira.

**ESTUDOS DE AUTORES**

Autores Antigos.  
Autores Medievais.  
Autores Modernos.  
Autores Contemporâneos.  
Autores Brasileiros.

**EDIÇÕES DE TEXTOS**

Textos Antigos.  
Textos Medievais.  
Textos Modernos.  
Textos Contemporâneos.  
Textos Brasileiros.

## ESTUDOS SISTEMÁTICOS

Epistemologia.

Lógica.

Teoria da Filosofia.

Metodologia Científica.

Epistemologia das ciências.

Ontologia.

Filosofia da Natureza.

Antropologia Filosófica.

Teodicéia.

Axiologia.

Estética.

Ética.

Filosofia da História.

Filosofia Social.

Filosofia Política.

Filosofia da Educação.

Filosofia da Ciência.

Filosofia da Arte.

Filosofia da Cultura.

Filosofia da Linguagem.

Filosofia da Religião.

Filosofia da Economia.

Filosofia do Direito.

Filosofia do Trabalho.

## ESTUDOS HISTÓRICOS

### HISTÓRIAS ESPECIAIS

- 15 – GILES, Thomas Ransom, **História do Existencialismo e da Fenomenologia**, 2 vols. São Paulo, EPU – EDUSP, 1975; X – 302, X – 370 págs.

Considerando a filosofia contemporânea o testemunho de uma generalizada descrença em relação aos dogmas dos séculos anteriores, mas ao mesmo tempo, como uma afirmação paradoxal e incontestável da exigência de certa austeridade do pensamento, o autor aborda com profundidade as posturas, os métodos e as doutrinas filosóficas de Kierkegaard, Nietzsche, Husserl, Heidegger, Scheler, Buber, Jaspers e Sartre. O pensamento de cada um destes filósofos é analisado com bastante desenvolvimento, mediante um qualificado acompanhamento de suas principais obras.

## ESTUDOS DE AUTORES

### AUTORES ANTIGOS

- 16 – REHFELD, Walter, **Funções religiosas da experiência do tempo no pensamento grego clássico**, *Revista de Filosofia*, 26 ( 101 ): 28 – 51, jan./mar. 1976.

Ocupando-se exclusivamente com o pensamento grego clássico, ou seja, com o pensamento aristotélico e pré-aristotélico ainda não

marcado por influências orientais, o autor mostra como o tempo é concebido, nesta fase, como real, relacional e objetivo. Por outro lado, neste período predomina a concepção do tempo circular sobre a concepção do tempo linear.

- 17 – SCIACCA, Michele Federico, Reflexões sobre dois textos de Platão e Aristóteles, *Presença Filosófica*, 2 ( 4/7 ): 174 – 179, 1975.

O autor mostra a atualidade do pensamento de Platão e de Aristóteles, explicitando a riqueza de duas passagens destes autores. Assim a ruína dos grandes valores, a riqueza enquanto valor econômico e a liberdade enquanto valor moral, se dá por causa do excesso destes valores. É o que se encontra no livro VIII da **República**; do mesmo modo, a embriaguez pela sapiência, acaba levando o homem à insipiência, conforme o mostra o livro VI da **Ética a Nicômaco**.

#### **AUTORES MEDIEVAIS:**

- 18 – CATURELLI, Alberto, Metafísica tomista y existencia de Dios, *Presença Filosófica*, 2 ( 4/7 ): 139 – 173, 1975.

O autor expõe a posição de Tomás de Aquino perante o problema de Deus. Apresenta esta posição analisando o caminho do ser e da causalidade, a estrutura das cinco vias e o conhecimento de Deus.

- 19 – MACIEL, Jarbas, A importância do pensamento de Santo Tomás de Aquino para a história e filosofia da ciência, *Revista Brasileira de Filosofia*, 26 ( 101 ): 57 – 75, jan./mar. 1976.

Com este artigo, o autor quer chamar a atenção para “o relativo e perfeitamente desnecessário abandono a que ficaram relegados os estudos tomistas de Filosofia da Ciência e da História da Ciência, quando o próprio S. Tomás já havia, por antecipação, desenvolvido dois dos mais poderosos instrumentos de análise epistemológica hoje à disposição do analista – a Teoria da Relação e sua “irmã gêmea”, a Teoria da Ação ( ou Praxeologia )”. Para

tanto, o autor expõe, no seu devido contexto, os elementos básicos da epistemologia tomista, contestando as errôneas interpretações de lógicos e matemáticos modernos.

- 20 – NASCIMENTO, Carlos Arthur Ribeiro do, O “Tratado sobre a luz” de Roberto Grosseteste, *Trans/Form/Ação*, 1 (1): 227 – 237, 1974.

O autor faz uma apresentação de sua tradução portuguesa do **Tratado sobre a Luz**, do filósofo medieval. Faz também um esquema redacional do texto para facilitar e orientar sua leitura e interpretação.

#### AUTORES MODERNOS:

- 21 – GRANJO, Maria Helena Bittencourt, Friedrich Nietzsche, *Tema 2* (2). 47 – 49, out./dez. 1975.

Citando várias passagens das obras deste apaixonado filósofo, a autora procura delinear os grandes tópicos da antropologia nietzschiana, mostrando um Nietzsche fruto do contexto impregnado pela autonomia do poder humano tal como se constituiu por todas as otimizistas doutrinas filosóficas do séc. XIX: o positivismo, o marxismo e o liberalismo.

- 22 – LEBRUN, Gérard, La spéculation travestie, *Trans/Form/Ação*, 1 (1). 49 – 70, 1974.

Análise das posições de Nietzsche, Feuerbach, Stirner, Marx e Hegel no que concerne à crítica que fazem ao cristianismo em sua relação ao indivíduo humano.

- 23 – PFEIL, Hans, Os significados da expressão de Nietzsche “Deus está morto”, *Presença Filosófica*, 2 ( 4/7 ): 125 – 138, 1975.

O autor explica o sentido desta expressão elencando quatro significados: dois indicativos e dois imperativos: 1. em conseqüência do desenvolvimento da vida mental dos tempos modernos, Deus

desapareceu da consciência dos homens de hoje; 2. não existe nenhum Deus, nem cristão nem outro qualquer, 3. por causa do homem e do mundo, Deus não deve existir, a fé em Deus deve ser recusada; 4. as conseqüências da não-existência de Deus e da negação da fé em Deus devem ser tiradas imediatamente.

- 24 – SHIBLES, Warren, Vico e a primazia lingüística, **Revista Brasileira de Filosofia**, 26 ( 101 ): 76 – 93, jan./mar. 1976.

Servindo-se de categorias filosóficas de Urban e Wittgenstein, o autor mostra a primazia epistemológica da linguagem na filosofia de Vico. Isto porque, para este filósofo, todo pensamento é metafórico e é na linguagem que o pensamento adquire seu significado e para se estudar o pensamento é necessário partir da linguagem comum. Envolvendo todas as manifestações humanas na linguagem, Vico tentou oferecer uma explicação adequada do homem, obter uma ciência da humanidade: uma antropologia fundada na análise da linguagem comum.

#### **AUTORES CONTEMPORÂNEOS:**

- 25 – BIANCHESI, Paulo e BARROS, Paulo B., Comentários sobre as implicações metodológicas no pensamento rogeriano, **Reflexão**, 1 (2): 115 – 120, abr./jun. 1976.

Analisando o método terapêutico de Rogers, considerado a base de uma teoria da personalidade, os autores expõem, de um ponto de vista histórico e de maneira bem esquemática, a própria evolução dos procedimentos científicos no pensamento deste psicólogo.

- 26 – CÉSAR, Constança T. Marcondes, A crítica de Bachelard à duração bergsoniana, **Reflexão**, 1 (2): 9 – 16, abr./jun. 1976.

Segundo a autora, Bachelard, apoiando-se sobretudo nas posições de Rounpel, critica a concepção bergsoniana da duração, defendendo a tese, segundo a qual, a realidade do tempo se reduz ao instante. O instante presente constitui o domínio da realidade

temporal experimentada pelo homem, pois é apenas no presente que o homem toma consciência de si. O tempo é constituído por instantes pontuais e é descontínuo.

- 27 – CÉSAR, Constança T. Marcondes, *A crítica de Lukács a Heidegger*, *Reflexão*, 1(1): 53 – 57, set./dez. 1975.

O artigo apresenta as críticas que Lukács, em sua obra *A destruição da razão*, faz a Heidegger. Lukács critica o relativismo subjetivista, assim como o irracionalismo da filosofia heideggeriana. Heidegger estaria negando a objetividade e a universalidade da razão, recusando a dimensão de progresso da história e privilegiando o existencial frente ao social e criando um método capaz apenas de uma descrição mítico-antropológica da existência. Para a autora, estas críticas acabam deturpando, com sua superficialidade, o pensamento autêntico de Heidegger.

- 28 – DADOMO, Lorenza, Michele Federico Sciacca: maestro da la filosofia de la integralidad, *Presença Filosófica*, 2 ( 4/7 ): 165 – 173, 1975.

O artigo é uma homenagem póstuma a Michele F. Sciacca que faleceu em fevereiro de 1975. A autora apresenta sua biografia, indica algumas de suas obras mais representativas e expõe os pontos fundamentais de seu pensamento filosófico, caracterizado como exigente filosofia do ser.

- 29 – DIAS SOBRINHO, José, *O projeto antropológico de Georges Gusdorf e suas implicações na educação*, Campinas, Unicamp, 1975; 282 págs.

Trata-se de uma tese de doutoramento em Filosofia da Educação apresentada pelo autor à Faculdade de Educação da Unicamp. Nela, o autor se preocupou em abordar o problema fundamental para a compreensão radical da educação, que é o problema do homem. E para a busca deste sentido do humano, o autor toma como paradigma a antropologia gusdorfiana. A tese desdobra-se em doze capítulos: o primeiro situa Gusdorf no contexto da cultura contemporânea; do segundo ao sétimo, é exposta a antropologia de Gusdorf, do oitavo ao décimo segundo, o autor relaciona a educação com a consciência antropológica.

- 30 — FURTER, Pierre, As várias faces de Ernst Bloch, *Reflexão*, 1(2). 17 — 28, jan./mar. 1976; trad. Tarcísio Moura e João Carlos Nogueira.

O autor elabora uma exposição sintética do pensamento de Bloch, analisando criticamente as diversas interpretações que se encontram nas obras mais recentes publicadas sobre a filosofia blochiana, tentando caracterizar com maior rigor a melhor via de abordagem desta filosofia de múltiplas faces.

- 31 — HALLET, Garth L., A oposição de Wittgenstein à filosofia científica, *Presença Filosófica*, 2 ( 4/7 ): 36 — 47, 1975.

Apresentação de um dos aspectos da posição filosófica de Wittgenstein, na sua fase crítica: a rejeição de toda forma de filosofia científica, inclusive daquelas de tendências lingüísticas e daquelas implícitas no atomismo lógico de seu próprio *Tractatus*. Após indicar a natureza geral do seu objetivo e as razões de sua oposição à filosofia científica, o autor apresenta o modo alternante de filosofar proposto e praticado por Wittgenstein.

- 32 — MERQUIOR, José Guilherme, *A estética de Lévi-Strauss*, Rio, Tempo Brasileiro — Ed. da Universidade de Brasília, 1975; ( Coleção Biblioteca Tempo Universitário, nº 40 ), 117 págs.

O autor explicita o pensamento estético de Lévi-Strauss concentrando-se em três níveis de sua meditação: a atividade artística considerada em suas relações com a sociedade, a definição da arte enquanto manifestação cultural específica; a teoria da música ou teoria da arte como crítica da cultura. Nos dois apêndices, o autor aborda as relações entre a análise do mitos e a análise das obras de arte. Comparando as posições estéticas estruturalistas com as demais tendências da ideologia artística de nossa época, o autor constata que, apesar da oposição que as separam, elas se reencontram vigorosamente em algumas de suas noções mais penetrantes.

- 33 — MORENO, Arley R., Conhecimento científico do individual e comentários filosóficos. Uma análise do *Tractatus*, *Trans/Form/Ação*, 1(1) 71 — 77, 1974.

Análise do *Tractatus logico-philosophicus* de Wittgenstein da perspectiva dos elementos de sua teoria dos indiscerníveis, julgada útil em seus resultados para bem situar alguns problemas de epistemologia das ciências e, sobretudo, o do conhecimento científico do singular.

- 34 — REALE, Miguel, Política e direito na doutrina de Nicolai Hartmann, *Revista Brasileira de Filosofia* 26 ( 101 ): 3 — 27, jan./mar. 1976.

Neste artigo, o autor explicita a contribuição incontestável mas pouco reconhecida de Nicolai Hartmann para o pensamento jurídico. Aborda, em conseqüência, a questão da significação do direito e do estado no contexto da teoria hartmanniana, sobretudo levando em conta as idéias defendidas por Hartmann nas suas obras fundamentais: **O problema do ser espiritual** e a **Ética**. Para o autor, a teoria de Hartmann sobre o estado e o direito não constitui um elemento acessível em seu pensamento, mas antes um elemento essencial à compreensão de sua filosofia.

#### AUTORES BRASILEIROS:

- 35 — ANDRADE, Álvaro Martins, Filosofia e Literatura. O problema moral no Grande Sertão-Veredas, *Trans/Form/Ação*, 1(1): 155 — 171, 1974.

Explicitação do ético e do metafísico da obra de Guimarães Rosa, a partir dos dois conceitos mais elaborados — destino e liberdade — com vistas à determinação do conceito que informa toda a sua ação e pensamento: o finalismo inerente à existência humana, o **quantum** de necessidade que define o sentido comum, invariável e universal dos mitos do herói.

- 36 — MACHADO, Geraldo Pinheiro, O desafio filosófico de Jackson de Figueiredo, *Presença Filosófica*, 2 ( 4/7 ): 264 — 272, 1974.

O autor examina o pensamento de Jackson de Figueiredo como exemplo da presença da criatividade filosófica em pensadores brasileiros. Para o autor, todo o problema de Jackson de Figueiredo,

o seu desafio, o apelo filosófico, era de superar a imobilização da inteligência decorrente da posição de ceticismo em que encontrava, reformular a visão abissal do niilismo a que se sentia impelido pela coerência entre idéia e vida, e a que tudo repelia violentamente com a totalidade do seu ser rebelde, inquieto e jovem. A reflexão de Jackson se estabelece acompanhando o pensamento de Farias Brito a quem procura seguir como a um mestre.

- 37 – SCHAEFFER, Maria Lúcia Garcia Pallares, **Anísio Teixeira: formação e primeiras realizações**, Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1975; 188 págs.

O trabalho analisa o pensamento e a atuação de Anísio Teixeira na sua configuração e evolução nos primeiros onze anos de sua vida pública ( 1924 – 1935 ). A autora visa a reconstruir o processo formativo e evolutivo do pensamento de Anísio Teixeira, mostrando que as mudanças operadas neste pensamento não se originaram fundamentalmente de seu contato com a cultura americana, contato acontecido quando de suas primeiras viagens à América do Norte. O primeiro abalo de suas antigas convicções filosóficas e pedagógicas deveu-se inicialmente à leitura do livro de Omer Buyse, **Méthodes américaines d'Éducation**, Desta primeira orientação, seu pensamento não mais de afastou, como continua demonstrando a autora no decorrer de seu trabalho.

- 38 – SILVEIRA, Gílson, Deus pensado e Deus vivido em padre Penido, **Presença Filosófica**, 2 ( 4/7 ): 201 – 208, 1975.

O autor analisa, na obra de Pe. Penido, suas posições quanto à questão de Deus enquanto objetivo da reflexão metafísica e enquanto objeto de fé pessoal. Conforme conclusão do autor, no pensamento do Pe. Penido, há uma semelhança analógica entre a intuição metafísica e a intuição experiencial de Deus que é o mesmo, sob o ponto de vista ontológico, atingido em ambos os processos.

- 39 – SILVEIRA, Gílson, Introdução ao pensamento de Penido, **Presença Filosófica**, 2 ( 4/7 ): 186 – 200, 1975.

O artigo é uma homenagem póstuma ao Pe. Maurílio Teixeira Leite Penido, falecido em 1970, por ocasião de seu 80º aniversário. Analisa sua personalidade e obra, trazendo uma bibliografia completa de seus escritos.

## EDIÇÕES DE TEXTOS

### TEXTOS MEDIEVAIS:

- 40 – GROSSETESTE, Roberto, Sobre a luz ou a gênese das formas, *Trans/Form/Ação*, 1(1): 230 – 237, 1974.

Texto traduzido por Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. Este *Tratado sobre a luz* do filósofo medieval, apresenta-se como uma hipótese cosmogônica, uma tentativa de tornar inteligível, ao nível da “filosofia”, a gênese do universo. Tópicos principais: a luz como primeira forma corporal, a gênese do universo, o movimento dos corpos do universo, os quatro princípios de toda a realidade.

### TEXTOS BRASILEIROS:

- 41 – PENIDO, Maurício Teixeira Leite, Preliminares filosóficos de “O papel da Analogia na Teologia Dogmática”, *Presença Filosófica*, 2 ( 4/7 ): 209 – 259, 1975.

Em homenagem ao autor, a revista *Presença Filosófica* re-produz a parte filosófica do livro do Pe. Penido, *O papel da Analogia na Teologia Dogmática*, seguindo a tradução da Editora Vozes, de 1946. Neste texto, o autor apresenta uma criteriologia, baseada na analogia que esclarece a questão do conhecimento e da experiência de Deus.

## ESTUDOS SISTEMÁTICOS

## EPISTEMOLOGIA:

- 42 – HEGENBERG, Leônidas, **Significado e conhecimento**, São Paulo, EPU – EDUSP 1975, XIV – 185 págs.

Nas fronteiras da lógica moderna e da epistemologia da ciência, o texto se situa na esfera da teoria do conhecimento, abordando, do ponto de vista da teoria do neopositivismo, as questões dos argumentos e verdade, da antiga e da nova lógica, do formalismo da ciência, da verdade em linguagens formalizadas, da linguagem em confronto com o realismo e com a realidade, da indução, do que é **saber** e do conhecimento em novas perspectivas.

- 43 – JOHAS, Homero, **A objetividade no conhecimento das qualidades sensíveis**, *Presença Filosófica*, 2 ( 4/7 ): 69 – 80, 1975.

O autor retoma a questão da objetividade na percepção das qualidades sensíveis, afirmando a insuficiência tanto do percepcionismo como do interpretacionismo, propondo como única via para a solução do problema, o realismo crítico natural, segundo o qual a reflexão inteligível permite assegurar a objetividade destes sensíveis próprios.

- 44 – LADUSÃNS, Stanislavs, **Evidência objetiva**, *Presença Filosófica*, 2 ( 4/7 ): 22 – 35, 1975.

Propondo-se analisar criticamente a contribuição do pólo objetivo para a integralidade do ato de conhecimento, o autor, após formular o problema criteriológico da evidência objetiva, ressalta a adequação entre a inteligência e a coisa, como um diálogo entre o sujeito e o objeto. Esta posição permite ao autor criticar a epistemologia positivista e neopositivista e discutir a questão do critério no conhecimento por conaturalidade afetiva.

- 45 – PAULA SOUZA, Francisco de, O homem e a verdade, **Reflexão**, 1 (1): 59 – 67, set./dez. 1975.

O autor analisa a crise da verdade no contexto da crise geral dos valores que se abate sobre a humanidade atual. Contudo, este vazio de verdade lança o homem na angústia e na busca de uma verdade que tenha uma função soteriológica. E o autor visa mostrar a necessidade de uma retomada da concepção clássica da verdade como única essencialmente fundamentada, uma vez que é a única a respeitar os dois pólos do conhecimento. o ser e o espírito.

- 46 – PAULA SOUZA, Francisco de, O pensamento contemporâneo e a definição clássica de verdade, **Reflexão**, 1 (2): 89 – 100, abr./jun. 1976.

Segundo o autor, a filosofia contemporânea supera o imanentismo do pensamento moderno na medida em que se realiza seu contato com o ser na sua realidade objetiva e extramental. O autor identifica estas posturas realistas na fenomenologia, no neopositivismo, no marxismo, no existencialismo. Mas em todos estes modelos filosóficos, a concepção realista da verdade acaba não se realizando plenamente devido a outros pressupostos que envolvem suas teorias epistemológicas.

## LÓGICA:

- 47 – HEGENBERG, Leônidas, **Lógica, Simbolização e Dedução**, São Paulo, EPU – EDUSP, São Paulo, 1975: XVI – 219 págs.

O autor pretende seja este um “texto intermediário” para a iniciação à moderna lógica simbólica. Apresenta assim, de maneira simples mas rigorosa, os mais importantes aspectos da linguagem simbólica e das técnicas dedutivas, com exemplos de problemas com as respectivas soluções. Inicia com o estudo do significado e da verdade; apresenta os vários conectivos; aborda os informes fundamentais e os outros aspectos da dedução; analisa os silogismos da

lógica tradicional, concluindo com o estudo das variáveis e quantificadores e sua aplicação nos argumentos dedutivos.

- 48 — HEGENBERG, Leônidas, **Lógica. Exercícios III: Simbolização no cálculo de predicados ( 650 problemas )**, EPU — EDUSP, 1976, 82 págs.

Trata-se do terceiro de uma série de quatro fascículos com exercícios de lógica que forneçam aos interessados o devido tirocínio no interior do universo da lógica simbólica. Este fascículo abrange exercícios de simbolização e de tradução com os recursos do cálculo de predicados ou cálculo funcional de primeira ordem. São aproximadamente 650 problemas e exercícios com as respectivas soluções e explicações.

- 49 — MARCUSCHI, Luiz Fernandes, **A arte de definir**, *Revista Brasileira de Filosofia*, 26 ( 101 ): 94 — 105, jan./mar. 1976.

Após constatar a inexistência de bons trabalhos sobre a definição, o autor acompanha a exposição do livro **Definições: termos teóricos e significado**, de Leônidas Hegenberg, para desenvolver de maneira mais sistemática, suas observações e explicações sobre o tema.

#### TEORIA DA FILOSOFIA:

- 50 — ALQUIÉ, Ferdinand, **Significação da filosofia**, Rio, Eldorado, L19731; Trad. Zilé Xavier de Almeida Borges e Maria Luiza Xavier de Almeida Borges ( Coleção Quid ), 216 págs.

O objetivo do autor é responder à questão fundamental: o que é a filosofia? Para tanto, apóia-se sobre comentários de alguns grandes textos. As etapas de seu estudo são as seguintes. a compreensão filosófica, a explicação histórica e o apelo à eternidade, a explicação psicológica e o apelo à universalidade, sistemas e **démarches**, **démarche** cartesiana e amor platônico, **démarche** e dialética, intenção psicológica e determinações naturais, intenção e determinações filosóficas, racionalismo científico e racionalismo

filosófico, experiência da razão, sujeito individual e sujeito histórico, a evidência filosófica. Em complementos, aborda também Pascal e a crítica contemporânea, a vida eterna segundo Espinosa, a fenomenologia do Espírito, de Hegel, Psicanálise e História da Filosofia, Metafísica e Poesia, Metafísica e Filosofia.

- 51 — AYER, Alfred Julius, *As questões centrais da Filosofia*, Rio, Zahar, 1975; trad. Alberto Oliva e Luís Alberto Cerqueira, 282 págs.

O texto reproduz uma série de conferências pronunciadas pelo autor, nos anos de 1972 e 1973, nas quais, abordando as questões centrais da filosofia, expõe sua posição quanto à natureza do pensamento filosófico, quanto ao seu domínio e alcance. A filosofia deve restringir-se à análise da linguagem, única metodologia fecunda para a discussão válida dos problemas que se põem ao filósofo, quer seja o problema da percepção, da construção do mundo físico, das relações corpo-mente, da explicação dos fatos, da ordem e do acaso, quer seja da lógica e da existência ou das pretensões da teologia.

- 52 — GIANNOTTI, José Arthur, *Sobre o trabalho teórico*, *Trans/Form/Ação*, 1 (1): 25 — 36, 1974.

Trata-se de entrevista dada à revista pelo professor Giannotti, ex-docente de filosofia da USP e atualmente pesquisador do CEBRAP. O entrevistado expõe os elementos mais significativos que marcaram sua produção teórica no campo da filosofia, as etapas de seu itinerário intelectual, sua experiência de pensador nas condições culturais brasileiras. Fala sobre as preocupações básicas da epistemologia das ciências humanas, das relações entre a reflexão teórica e a prática, de suas teses filosóficas.

- 53 — MELLO E SOUZA, Antônio Cândido de, *Sobre o trabalho teórico*, *Trans/Form/Ação*, 1 (1): 9 — 23, 1974.

Entrevista com Antônio Cândido, professor de Teoria da Literatura e Literatura Comparada da USP, na qual expõe a evolução de sua produção teórica, as influências que sofreu, as condições institucionais para este trabalho, assim como suas posições sobre as

relações entre trabalho teórico e ideologia, entre teoria literária e ciência, entre teoria e prática. Finaliza com sua visão da literatura brasileira.

- 54 — MOURA, Roberto Pinto, O psiquiatra considera a filosofia, **Reflexão**, 1 (1): 125 — 132, set./dez. 1975.

Nesta entrevista, o médico psiquiatra Roberto Pinto de Moura expõe sua concepção sobre a importância da filosofia para a significação de todas as atividades humanas, sobre suas relações com a ciência em geral e com a psiquiatria em particular, explicitando a necessidade de uma constante atenção à pessoa humana à base do trabalho clínico do psiquiatra.

- 55 — SEVERINO, Antônio Joaquim, A questão da autenticidade da filosofia brasileira, **Reflexão** 1 (1): 43 — 51, set./dez. 1975.

O autor procura explicitar o sentido mais radical da tarefa da reflexão filosófica no contexto histórico-cultural brasileiro dos dias de hoje. Para isto, assinala alguns equívocos da tradição filosófica no Brasil, mostra como deve conciliar-se a exigência da universalidade com esta exigência de singularidade da abordagem filosófica no Brasil, concluindo com a apresentação de algumas condições prévias julgadas imprescindíveis para o desabrochar autêntico de um filósofo brasileiro.

- 56 — VAN ACKER, Leonardo, Criatividade na filosofia: ensaio de caracterização, **Presença Filosófica**, 2 ( 4/7 ): 259 — 263, 1975.

O autor responde à questão: em que consiste a criatividade filosófica? afirmando que criatividade, na filosofia, é originalidade na concepção e execução ( ou comunicação ) do pensamento filosófico. Na concepção, esta criatividade poderá ser contestativa ou compreensiva; na comunicação, a originalidade dependerá de dois requisitos essenciais: o primeiro, é a argumentação e organização metódica na base da experiência existencial, pessoal e histórico-cultural, de preferência à pura erudição; o segundo, é a clareza da própria comunicação.

- 57 – VÁRIOS, Por que filósofo ? **Estudos Cebrap**, 15: 133 – 173, jan./mar. 1976.

Trata-se de uma seqüência de cinco textos apresentados numa mesa-redonda promovida pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência em sua 27ª reunião anual, realizada em junho de 1975, em Belo Horizonte. Através desses textos, João Carlos Brun Torres, José Arthur Giannotti, Gérard Lébrun, Rubens Rodrigues Torres Filho, José Henrique Santos e Bento Prado Júnior apresentam sua concepção de filosofia. Encarando-a como uma questão radical, estes pensadores procuram abordar, na sua radicalidade, o sentido da atitude filosófica no conjunto das condições da existência contemporânea.

#### **METODOLOGIA CIENTÍFICA:**

- 58 – ALBOU, Paul, **Questionários Psicológicos**, Rio, Eldorado, 119731; Trad. Miguel Chalub ( Coleção Anima ), 216 págs.

O autor propõe-se analisar teoricamente os questionários psicológicos e mostrar sua aplicabilidade, selecionando os modelos mais característicos, mais recentes e mais seguros. Considerando o questionário um instrumento exato de pesquisa, determina os princípios de sua construção e as modalidades de seu emprego. Estuda os questionários de personalidade de Gaston Berger, de Bernreuter, de Pichot, de Guiford-Zimmerman e de Cattell; dos questionários de interesse, analisa os de Strong e de Kuder; aborda os questionários de pesquisa e de opinião, assim como as escalas de Bogardus, de Thurstone e Likert, concluindo com a discussão do valor e dos limites do questionário.

- 59 – PAULI, Evaldo, **Manual de metodologia científica**, São Paulo, Ed. Resenha Universitária, 1976, 244 págs.

Apresentação didática bastante completa das normas da metodologia geral do conhecimento científico. Após tratar da metodologia do trabalho científico em geral, das técnicas da pesquisa

e de exposição de seus resultados, o autor aborda a questão da metodologia científica, discorrendo sobre os métodos analíticos e sintéticos de conceituar, de julgar e de raciocinar. Conclui apresentando a sistemática das ciências com referências aos métodos específicos das várias disciplinas científicas.

- 60 – RUIZ, João Álvaro, **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**, São Paulo, Atlas, 1976, 168 págs.

O livro propõe-se a fornecer diretrizes para o estudo científico na Universidade, assim como a dar uma iniciação à pesquisa propriamente científica e aos elementos epistemológicos subjacentes ao conhecimento científico. Os principais tópicos abordados são: método, economia e eficiência nos estudos; estudos pela leitura trabalhada; elaboração de trabalhos de pesquisa; os diferentes modos de conhecer; a questão da verdade e da certeza; a natureza da ciência e do espírito científico; método científico e legitimidade da indução.

#### **EPISTEMOLOGIA DAS CIÊNCIAS:**

- 61 – ESCOBAR, Carlos Henrique, **Epistemologia das ciências – Hoje**, Rio, Pallas, 1975, ( Série Ciências Humanas – Hoje ), 176 págs.

Propondo-se a uma análise crítica do discurso científico, o livro dedica-se particularmente em situar as proposições epistemológicas mais substanciais da reflexão de Althusser e dos trabalhos de Foucault onde é questão da arqueologia do saber. A análise visa a explicitar as implicações ideológicas destes discursos epistemológicos.

- 62 – HEGENBERG, Leônidas, **Etapas da investigação científica: observação, medida, indução**, vol. 1, São Paulo, EPU – EDUSP, 1976, XIX – 207 págs.

O livro aborda, do ponto de vista lógico-epistemológico, as várias etapas do método científico. Assim, trata da observação e da

experimentação, das relações e funções, da mensuração, da probabilidade e da indução. No vol. 2, agora anunciado, será questão das leis naturais, das teorias e do método científico.

- 63 — NEPOTE, Ary, Trabalho sobre textos: Mendeleiev e Weatherall, *Reflexão*, 1 (2): 107 — 114, 1976.

O autor, analisando duas passagens de textos de Mendeleiev e de Weatherall, discute as respectivas concepções de ciência.

#### FILOSOFIA DA NATUREZA:

- 64 — VIGANO, Mário, Ciência e integração, *Presença Filosófica*, 2 ( 4/7 ): 58 — 68, 1975.

Acentuando a exigência para a filosofia de manter-se atenta aos dados do conhecimento científico e, conseqüentemente, de interessar-se pelo mundo natural, o autor desenvolve considerações sobre a posição física do homem no universo material, sobre sua posição moral, sobre o universo material, sobre o problema de Deus e sobre a finalidade e o sentido do universo material.

#### ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA:

- 65 — BLOCH, Ernst, O homem como possibilidade, *Reflexão*, 1 (2), abr./jun. 1976, págs 29 — 42. Trad. Francisco Regis de Moraes.

Propondo meditação sobre os sonhos de quem sonha acordado, Bloch coloca o devaneio como uma forma de rebelião, ou seja, não aceitação da realidade tal como se manifesta na objetividade. Do devaneio passa-se para o planejamento, processo pelo qual se prepara o futuro. Recoloca o lugar da utopia no processo de desenvolvimento da história humana, assim como a função da esperança no projeto da evolução imanente da realidade.

- 66 — DALLE NOGARE, Pedro, Linguagem e Antropologia, *Presença Filosófica*, 2 ( 4/7 ): 5 — 17, 1975.

Considera o autor que os estudos atuais da linguagem se interessam de maneira preponderante pelos aspectos antropológicos superando os enfoques epistemológicos. Desenvolve a idéia de que só o homem, ao contrário do animal, é capaz de linguagem articulada e de linguagem reflexa, concluindo: entre linguagem e pensamento existe uma relação de recíproca influência que ainda precisa ser mais aprofundada. De qualquer maneira, o estudo da linguagem é um dos caminhos mais seguros para estudar o homem e sua característica, a racionalidade, e o ponto de partida obrigatório de toda antropologia filosófica.

- 67 — NOGUEIRA, João Carlos, A linguagem como verdade do homem; uma tarefa simplesmente humana, *Reflexão*, 1 (1): 12 — 33, set./dez. 1975.

O autor discorre sobre a linguagem enquanto revelação do ser do homem. Inicialmente apresenta o ponto de vista fenomenológico, depois o enfoque estruturalista e o enfoque psicanalítico. Analisa as relações da linguagem com a subjetividade que com a intersubjetividade e o mundo constituem a própria base da existência humana. A linguagem é a expressão da história do sujeito.

#### TEODICÉIA:

- 68 — DANTI, José, A existência de Deus, *Presença Filosófica*, 2 ( 4/7 ): 160 — 164, 1975.

Trata-se de uma reflexão que visa a mostrar a necessidade de afirmar a existência de Deus como explicação das prodigiosas maravilhas do Universo, que exigem a atuação causadora de um Ser supremo.

- 69 — FABRO, Cornélio, Ateísmo e fé no pensamento contemporâneo, *Presença Filosófica* 2 ( 4/7 ): 115 — 124, 1975.

Apresenta o autor as várias origens do ateísmo, tanto culturais como propriamente religiosas, explicitando os vários elementos que

determinam cada uma destas origens. Achando, contudo, que não se pode atribuir a nenhuma delas uma responsabilidade exagerada no aparecimento desta postura, intimamente vinculada a um problema existencial, afirma o autor a perspectiva do advento de uma superação do ateísmo.

- 70 – LEPARGNEUR, Hubert, *Problemática e tipologia dos ateísmos*, *Presença Filosófica*, 2 ( 4/7 ): 92 – 114, 1975.

O autor propõe esboçar uma gramática estrutural do fenômeno ateu, considerado em sua dimensão universal, embora com vistas a um discurso relevante para a América Latina. Estuda os fundamentos do ateísmo; apresenta e discute as explicações atéias do fenômeno religioso; analisa as tentativas atéias de reconstrução e esclarece as coerências e as tendências perceptíveis dos ateísmos.

#### **AXIOLOGIA:**

- 71 – DE FINANCE, Joseph, *Objetividade e subjetividade dos valores*. *Presença Filosófica*, 2 ( 4/7 ): 81 – 91, 1975.

Partindo de uma análise fenomenológica dos valores, descrevendo como eles se apresentam à consciência, o autor mostra que os valores se constituem simultaneamente na subjetividade e na objetividade. Esta se garante pela própria transcendência do espírito humano e, através dela, pela própria transcendência do ser.

#### **ESTÉTICA:**

- 72 – PEREIRA, Wilcon Joia, *Escrita/KLee. Klee. KLEe/figura, Trans/Form/Ação*, 1 (1): 117 – 154, 1974.

O artigo é um estudo interpretativo da arte de Paul Klee, toda ela baseada na exploração, para efeitos estéticos, dos escremas. Na pintura deste artista, as escritas são empregadas para fins de comunicações mais íntimas do que precisas.

- 73 — PEREIRA, Wilcon Joia, **Escritema e figuralidade nas artes plásticas contemporâneas**, Assis, Fac. Fil. Ciências e Letras, 1976, 83 págs.

Este texto mantém, numa forma mais reduzida, o essencial da tese de doutoramento que o autor apresentou, em 1973, à Faculdade de Filosofia de Assis. A obra compõe-se de quatro partes. Na primeira, aborda o autor a questão da beleza nas letras. Para maior precisão, cria o termo "escritema" para referir-se à escrita, enquanto é tomada como tema pelos artistas plásticos, à escrita tematizada nas artes visuais, e serve-se do termo "figuralidade" para designar as formas e figuras que engendram estes escritemas; na segunda parte, o autor apresenta como ilustração, a análise de um conjunto de obras representativas deste uso dos escritemas; na terceira parte, discute a possibilidade de se formular uma teoria acabada sobre a questão, na quarta, fala de uma nova prática significativa, relacionando a espacialização da linguagem com a emergente cultura de massa.

- 74 — SÁ, Olga de, **O caráter estético dos símbolos religiosos e o caráter religioso dos símbolos estéticos**, *Reflexão* 1 (2): 67 — 73, abr./jun. 1976.

Visa a autora encontrar um denominador comum entre arte e religião no contexto da civilização contemporânea, marcada pela cibernética e pela automação. Este denominador comum só poderá ser identificado a partir da consideração do ser humano como *homo symbolicus*: religião e arte dialogam entre si porque se situam no universo amplificado do simbolismo comum a ambas.

#### ÉTICA:

- 75 — CASTRO, Mendonça, **Virtude e Felicidade**, *Presença Filosófica* 2 ( 4/7 ): 180 — 185, 1975.

O autor discorre sobre a essência da felicidade: é vida virtuosa, é boa conduta, é atividade da alma em conformidade com a virtude ótima e perfeita, em conformidade com os ensinamentos de Deus; é a associação da alma com a razão.

- 76 — URBACH, Sully, *Ética em pesquisa médica*, *Reflexão 1* (1): 101 — 106, set./dez. 1975.

Embora reconheça a importância e a validade da pesquisa em medicina, o autor chama a atenção para as implicações éticas envolvidas no trabalho de pesquisa no universo da medicina, trabalho que não pode ser considerado atividade neutra e impessoal. Tanto nas pesquisas de medicamentos, nas pesquisas em vista da cirurgia e, sobretudo, nas pesquisas psiquiátricas, a pretensa neutralidade científica acaba levando à desumanização. E o problema da ética médica não é uma questão de código mas, fundamentalmente, uma visão global do homem.

#### FILOSOFIA DA HISTÓRIA:

- 77 — LOMBARDI, Franco, *Crise do nosso tempo*, São Paulo, EPU-EDUSP, 1975; Trad. Renato Alberto T. Di Dio, XVI — 272 págs.

O autor analisa a crise da filosofia contemporânea, a partir da crise que atinge a civilização européia particularizada pela situação de crise da cultura italiana. Todas as tentativas de ação postas em prática pela humanidade ocidental, para levar avante a sua história, estão em pleno fracasso, assim como suas correspondentes justificativas filosóficas. O autor reexamina todo o pensamento filosófico ocidental, todas as suas ideologias e suas doutrinas político-sociais, concluindo pela sua degeneração, mas prognosticando o emergir de uma nova cultura para o Ocidente, reconstrução da qual a filosofia deverá ser a principal responsável.

#### FILOSOFIA SOCIAL:

- 78 — FERRARI, Alfonso Trujillo, *Valores sociais: filosófica e sociologicamente encarados*, *Reflexão 1* (2): 75 — 88, abr./jun. 1975.

Após colocar as dificuldades específicas à consideração filosófica dos valores sociais, o autor propõe um esquema de exposição,

segundo o qual define o valor social. Explica suas origens, descreve suas características e elabora sua tipologia.

79 — VÁRIOS, Política indigenista no Brasil, *Vozes*, 70 (3): 1 — 68.

Este número especial sobre a situação dos índios brasileiros e a política adotada para com eles, inicia-se com um artigo de Roque de Barros Laraia, que analisa a conceituação de integração e assimilação básicas para o correto entendimento do encontro de duas culturas; a seguir, Antônio Iasi confronta a política de integração oficial com a política dos missionários católicos. Segydio Schwade descreve o negro quadro da situação dos índios brasileiros. Txibue Exororo, chefe de aldeia indígena, apresenta trechos de falas de representantes de 16 grupos de índios. O número traz ainda importante entrevista com os Irmãos Villas Boas. Estes textos trazem valiosa contribuição para uma reflexão sobre o sentido do trabalho civilizador dos índios brasileiros.

## FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO:

80 — GARCIA, Walter Esteves, A educação brasileira é importada? *Didata*, (4): 20 — 31, 1976.

Pretendendo discutir do ponto de vista da filosofia da educação, entendida como uma reflexão aplicada aos problemas da educação, questões relacionadas com a educação brasileira, o autor analisa o fenômeno da penetração cultural, pela qual aspectos de outras civilizações têm-se introduzido em nosso país, apesar da diferença de contextos histórico-culturais. Trata-se de um fenômeno de conseqüências mais profundas do que o fenômeno da transplantação cultural. Atinge radicalmente a educação brasileira, desvirtuando aqueles que deveriam ser suas características básicas.

81 — LIBÂNIO, José Carlos, *Aceleração escolar: estudos sobre a educação dos adolescentes e adultos*, Goiânia, s/Ed., 1976, 198 págs.

O autor, preocupado com a elevada taxa de adolescentes e de adultos com atraso nas escolaridade ou não-escolarizados, propõe a idéia de aceleração escolar como medida para aumentar a racionalidade no planejamento educacional, com efeitos no sistema econômico. Parte da análise do fenômeno em Goiás, analisa a questão da aprendizagem lenta, faz sugestões metodológicas para a organização de currículos para os casos de alunos em defasagem escolar e oferece subsídios para a elaboração de planos de recuperação e aceleração escolar, incluindo dois modelos de instrumentos legais. O trabalho evidencia importante aspecto da problemática educacional brasileira.

- 82 — MAIA, Nelly Aleotti, *Introdução à educação moderna*, Rio, Editora Rio, 1976, ( Série Educação, v. 22 ), 96 págs.

Utilizando-se da técnica de ensino programado, o texto apresenta uma introdução à problemática da educação moderna, mostrando a sua vinculação ao contexto social no qual ela se exerce e a necessidade que a escola tem, para cumprir devidamente sua missão educacional nos dias de hoje, de servir-se da tecnologia educacional que a autora entende, num sentido bem amplo, como o modo sistemático de planejar a educação, em face de objetivos claramente definidos, aplicando resultados da pesquisa científica e que considera como o único instrumento apto a sintonizar a educação com o nosso tempo.

- 83 — NAGLE, Jorge ( org. ), *Educação e linguagem: para um estudo do discurso pedagógico*, São Paulo, Edart, 1976, 160 págs.

Neste livro, encontram-se os cinco trabalhos apresentados no simpósio sobre "Discurso Pedagógico", realizado em julho de 1975, em Belo Horizonte, dentro da Programação da reunião da SBPC. Tais trabalhos visam a analisar a linguagem empregada nos estudos sobre a educação, tentando um exame crítico das regras usadas na formulação dos enunciados. Jorge Nagle escreve sobre "discurso pedagógico: uma introdução"; Pérciles Trevisan sobre "discurso pedagógico e modelos de cientificidade"; José Mário Pires Azanha sobre "a questão dos pressupostos no discurso pedagógico"; Carlos Eduardo Guimarães

sobre "filosofia, lógica e educação", e Magda Beck sobre "a linguagem didática".

- 84 — PUCCI, Bruno, *Por uma práxis educacional da comunicação e expressão*, Piracicaba, Unimep, 1976, 91 págs.

Este trabalho constituiu a dissertação de mestrado em filosofia da educação apresentada pelo autor à Universidade Metodista de Piracicaba. Nela, pretende ele propor uma nova práxis educacional para o ensino de comunicação e expressão ao nível de 1º e 2º graus, fundada numa teoria educacional que se justifique por uma concepção fenomenológico-dialética da palavra humana. A proposta surge após a constatação das insuficiências educacionais da realidade deste ensino.

#### **FILOSOFIA DA CIÊNCIA:**

- 85 — ALVES, Rubens, *Esperança e objetividade: uma crítica da ciência, Trans/Form/Ação*, 1 (1): 79 — 90, 1974.

O autor faz uma análise dos pressupostos ideológicos e religiosos da ciência. Num mundo aparentemente secularizado, a ciência passou a desempenhar, em grande medida, as funções anteriormente desempenhadas pela religião tradicional em decadência. Ela se transformou numa alternativa funcional da religião, operando-se uma passagem de mágica fraca a uma mágica forte, de mágica destituída de "status" e progressivamente marginalizada a mágica que dá "status" e que ocupa o lugar central da sociedade.

- 86 — ALVES, Rubem, *Pesquisa: para quê ?*, *Reflexão*, 1 (1): 35 — 41, set./dez. 1975.

O autor defende a tese, segundo a qual, o cientista antes de levantar questões metodológicas e epistemológicas deve propor-se a questão ética, relacionada com o para quê do conhecimento humano. Trata-se de levantar a questão da função social real da atividade científica e explicitar-se a responsabilidade pelos determinismos que

a ciência elabora como instrumento de discutíveis formas de poderes exercidos sobre os homens.

- 87 — COULSON, W. e ROGERS, C. R., **O Homem e a ciência do Homem**, Belo Horizonte, Interlivros, 1973. Trad. Vera Lúcia Baptista de Souza. 207 págs.

O livro recolhe várias conferências com os respectivos debates sobre um problema candente: o do estatuto epistemológico das ciências do homem. Devem estas modelar-se, metodologicamente, segundo a perspectiva das ciências naturais? Fazendo isto, os pesquisadores das ciências do homem não acabam perdendo elementos imprescindíveis para a exata compreensão — individual e coletiva — do fenômeno humano estudado por elas? Tais as importantes questões abordadas pelos conferencistas e que constituíram o núcleo dos debates cujos resultados o livro traz.

- 88 — COVIAN, Miguel R., **Ciência, técnica e humanismo**, **Presença Filosófica**, 1 ( 4/7 ): 48 — 57, 1975.

Análise do impacto do vertiginoso desenvolvimento científico e tecnológico e afirmação da exigência da perspectiva complementar de um humanismo para cobrir o enorme hiato estabelecido entre a rápida evolução da técnica e a pobre evolução humana. Este novo humanismo exige que redescubra o homem o silêncio, a meditação, o repouso, a solidão, num esforço paradoxal de efetuar a sacralização do profano num contexto de dessacralização do sagrado.

- 89 — DEUS, Jorge Dias de, **A crítica da ciência: sociologia e ideologia da ciência**, Rio, Zahar, 1974 ( Coleção Textos Básicos de Ciências Sociais ) 244 págs.

O livro apresenta uma antologia de textos sobre sociologia e ideologia da ciência, iniciada com uma introdução e comentários do organizador. Os textos constantes do livro são: “os imperativos institucionais da ciência”, de R. K. Merton; “a função do dogma na investigação científica”, de T. S. Kuhn; “o controle social dos cientistas”, de W. O. Hagstrom; “politização na ciência”, de J.

Haberer; "ciência e capital", de G. B. van Albada; "oito teses sobre o significado da ciência", de Ph. Roqueplo; "o plano da ciência", de F. Gil; "diferenças entre culturas tradicionais e culturas de orientação científica", de R. Horton; "as necessidades de conhecimento e o seu condicionamento pelo medo e pela coragem", de A. Maslow; "a reação romântica" de A. N. Whitehead. Todos os autores desenvolvem uma crítica à ideologia subjacente à ciência, denunciando seus compromissos com a sociedade industrial e tecnocrática dos dias atuais da civilização ocidental.

- 90 – GRANGER, Gilles Gaston, *Sciences pratiques et pratique de la science*, *Trans/Form/Ação*, 1 (1): 39 – 47, 1974.

O autor propõe formular o problema da associação das ciências humanas à ação. Para que as ciências humanas possam ser efetivamente utilizadas por aqueles que tomam as decisões do agir é necessário, primeiramente, que elas forneçam modelos nos quais as variáveis estratégicas sejam bem definidas e acessíveis e modelos completos, aos quais não faltem nem o estágio energético nem o estágio informacional e, em segundo lugar, sejam elas produzidas numa sociedade apta, por sua estrutura, a orientar sua própria ação, condição apenas parcialmente realizada nas sociedades contemporâneas.

- 91 – JAPIASSU, Hilton Ferreira, *Interdisciplinaridade e patologia do saber* Rio, Imago, 1976, 220 págs.

O trabalho destina-se a fornecer certos elementos e instrumentos conceituais básicos, para uma tomada de consciência sobre o lugar real da posição e do tratamento dos principais problemas epistemológicos, colocados pelas ciências humanas do ponto de vista de suas relações interdisciplinares. A interdisciplinaridade é enfocada como exigência interna das ciências humanas, como necessidade para melhor inteligência da realidade que elas nos dão a conhecer. Análise epistemológica que conduz necessariamente a uma antropologia. A questão é abordada, definindo-se inicialmente o domínio interdisciplinar, e em seguida, analisando-se a metodologia

interdisciplinar. Prefácio de Gusdorf, ressaltando a importância desse tipo de abordagem.

- 92 – MERLEAU-PONTY, Maurice, **A Estrutura do comportamento**, Belo Horizonte, Interlivros, 1975; trad. José de Anchieta Correia; 259 págs.

A tese central desta obra do grande fenomenólogo francês, apresentada ao público brasileiro em esmerada tradução, é a da consciência engajada, da qual a noção de corpo, cujas bases especulativas são elaboradas aqui, constitui um elemento privilegiado. Merleau-Ponty, partindo da experiência científica, quer mostrar que a psicologia chamada experimental – gestaltista ou behaviorista – por negligenciar a percepção, seu verdadeiro ponto de partida, não consegue traduzir a essência mesma do comportamento. O horizonte ontológico, dentro do qual estuda os seus fatos e apresenta os seus resultados, é demasiadamente estreito e, por isso mesmo, exige uma superação.

- 93 – PONTES NETO, José Augusto da Silva, **A emergência da psicologia humanista**, *Reflexão* 1 (2): 101 – 106, abr./jun. 1976.

O autor dá indicações relativas à gênese e à formação da psicologia humanista enquanto critica a reação à psicanálise ortodoxa e ao behaviorismo. Considerada atualmente como a terceira força em psicologia, a psicologia humanista é conseqüência dos pensamentos inovadores de Rogers, Lecky, Snygg, Combs, Maslow, Allport e Moustakas. Também se assinalou na formação desta corrente psicológica a influência dos filósofos existencialistas. A psicologia humanista preocupa-se mais com a totalidade do ser humano do que com o rigor da metodologia de seu estudo.

#### **FILOSOFIA DA ARTE:**

- 94 – BARBOSA, João Alexandre, **Significação & Metáfora: algumas reflexões sobre as relações entre literatura e sociedade**, *Trans/Form/Ação* 1 (1): 91 – 104, 1974.

O autor pretende explicitar o significado social implícito no texto literário, mostrando que este significado é cedido pela metáfora, elemento mediador entre o texto e a realidade.

#### **FILOSOFIA DA CULTURA:**

95 — VÁRIOS, *Ciclo de debates do teatro Casa Grande*, Rio, Inúbia, 1976. ( Coleção Opinião ), 238 págs.

O livro apresenta, na íntegra, as discussões havidas por ocasião do 1º Ciclo de Debates da Cultura Contemporânea e que tiveram por tema aspectos da cultura brasileira relacionados com cinema, teatro, música popular, artes plásticas, televisão, jornalismo, literatura e publicidade. Participaram destes debates cerca de trinta profissionais e especialistas das várias áreas. Tais textos constituem rico material de análise para a compreensão do momento cultural brasileiro.

#### **FILOSOFIA DA LINGUAGEM:**

GADAMER, Hans-Georg, *Semântica e Hermenêutica*, *Presença Filosófica*, 2 ( 4/7 ): 18 — 21, 1975.

O artigo aborda a relação de complementaridade entre a análise semântica estrutural e o método hermenêutico. Enquanto a primeira observa e descreve o campo lingüístico, a reflexão hermenêutica remete a linguagem para trás de si mesma e, do campo de expressão que ela mesma representa, buscando aquilo que, embora não enunciado na linguagem é, contudo, tornado co-presente através dela, e aquilo que é velado por esta mesma linguagem.

#### **FILOSOFIA DA RELIGIÃO:**

97 — LAGENEST, J. P. Barruel de, *Elementos de Sociologia da Religião. guia para pesquisa*, Petrópolis, Vozes, 1976, 72 págs.

Propondo ser um guia didático para a pesquisa na área da sociologia da religião, o livro aborda o fenômeno religioso fornecendo subsídios para sua compreensão filosófica. Após apresentar definição da religião e uma comparação entre o fenômeno religioso e o profano-sagrado, o autor trata deste fenômeno como expressão de uma experiência religiosa; distingue mitos e dogmas, ritos e cultos; analisa o indivíduo e o grupo em face da religião, a evolução das religiões, o sectarismo, as atitudes das elites e das massas diante do fenômeno, estudando, ainda, as questões do tabu e da moral. Analisa, igualmente, a tipologia e a fluidez dos grupos religiosos, terminando o livro com um estudo sobre os critérios de vitalidade religiosa.

- 98 – MORAIS, João Francisco Regis de, *Religião, educação e ciência no séc. XX: aspectos*, *Reflexão*, 1 (1): 77 – 88, set./dez. 1975.

O autor procurou estudar a força centrífuga que arrastou o homem de sua dimensão de sacralidade e as conseqüências desta situação no contexto específico do mundo contemporâneo. Abordando três variações do sagrado — ao nível da religião, da educação e da ciência, o autor desvela três modalidades de fugas: a secularização, a democratização do ensino e a divulgação científica.

- 99 – MOURA, Tarcísio, *O mito, matriz da arte e da religião*, *Reflexão* 1 (1): 89 – 100, set./dez. 1975.

O autor visa a demonstrar que, tanto a religião como a arte e a própria ciência, têm a sua raiz no próprio mito, maneira originária do espírito humano explicar a realidade. No entanto, a interferência da racionalidade introduz a divisão no seio do próprio pensar mítico, rompendo a sua unidade e negando a sua condição de matriz fundamental de todo ser e pensar humano. A função religiosa e a atividade estética revelam, com maior proximidade, esta vinculação radical.

- 100 – MOURA, Tarcísio, *A visão existencialista na interpretação da realidade histórica da salvação*, *Reflexão* 1 (2): 43 – 66, abr./jun. 1975.

O autor analisa as críticas que o existencialismo faz à categoria cristã na salvação, mostrando que esta categoria soteriológica neotestamentária se enquadra no conjunto de valores do homem moderno, servindo como base de compreensão da própria existência humana. Para tanto, o autor expõe a posição do teólogo alemão Bultmann relativa à existência e natureza do Cristo Histórico, apresentando, em seguida, a contra-argumentação de Malevez em resposta a esta redução existencialista do cristianismo feita por Bultmann.

101 – PIAZZA, Waldomiro Octávio, *Introdução à fenomenologia religiosa*, Petrópolis, Vozes, 1976, 208 págs.

O autor se propõe apresentar uma informação atualizada sobre as pesquisas concernentes ao fenômeno religioso, realizadas ultimamente conforme o método fenomenológico husserliano. Trata-se, portanto, de uma descrição fenomenológica da experiência religiosa, conduzida no sentido de abranger tanto o aspecto racional, como o aspecto irracional desta experiência. Após colocar o problema religioso, discutir a origem da religião e elaborar uma fenomenologia das religiões primitivas e das grandes religiões, o autor aborda a própria experiência religiosa, descrevendo as atitudes religiosas, o sagrado e o profano, as hierofanias, os mitologemas, as palavras sagradas, os homens e as comunidades religiosas, os mitos e os ritos sagrados para concluir com o significado último do fenômeno religioso. Em apêndice, o autor apresenta uma fenomenologia das grandes tendências religiosas, analisa o caso da religiosidade de Israel frente à fenomenologia religiosa e o sentido da redução fenomenológica em Husserl.